

CÂMARA REYS

As questões morais
e sociais na literatura

VI

RAUL PROENÇA

LISBOA
SEARA NOVA
1943

Slhj

Os homens que formavam o grupo inicial da *Seara Nova* não eram, nenhuns dêles, amigos de infância. Uma vez Proença e eu descobrimos que estivéramos um ano inteiro, na era remota de 1897-8, em turmas paralelas do Liceu do Carmo, sem nos conhecermos. Travámos relações, creio, dez anos mais tarde, numa reunião da Renascença Portuguesa. Ignorava a sua colaboração na *Alma Nacional*. Quando saíu o primeiro número da *Seara Nova*, fiquei surpreso e deslumbrado pelo vulto de atleta que nos excedia em muito, a todos, na destreza, no vigor, no ímpeto da polémica, na capacidade crítica e construtiva.

A violência de Proença nunca resumava rancor ou maldade, a sua ironia e o seu sarcasmo eram sempre purificados por um lampejo de justiça, não se perdia em justas de vaidade que tanto diminuem os melhores espíritos do nosso meio. Os adversários saíam das polémicas com o mesmo respeito que já antes Proença lhes inspirava e até atraídos por uma simpatia quasi inconsciente diante da sua singular individualidade.

Quando se lançou o primeiro número da *Seara*, em 1921, Proença, como a maior parte dos seus companheiros, tinha cêrca de trinta e cinco anos. Eram homens cuja mentalidade se formara entre 1900 e 1910. Tinham aberto os olhos para a vida, aos quinze anos, no final do século XIX, e na plenitude da idade viril receberam o golpe brutal da guerra de 1914.

há e fazer-se uma publicação (panfleto, revista, jornal, o que quiser — acharia mesmo melhor um panfleto) em que às doutrinas monarquizantes opuséssemos as nossas doutrinas? Não creio, como alguns positivistas da nossa terra, que a política se faça apenas com princípios, mas creio que também se não faz política sólida sem êles. E quanto podiam fazer nesse sentido, fora do campo das retaliações políticas, meia-dúzia de homens bem intencionados!

Era pois minha idéia publicar um panfleto onde podiam ter colaboração *todos os republicanos independentes* (ou mesmo todos os republicanos, seria caso para discutir) com a orientação que aí deixo. Sôbre a ditadura, deixar-se-ia aos colaboradores a mais ampla liberdade, desde a agressão mais violenta até à apologia mais fervorosa. Apenas uma coisa seria exigida: a propaganda levantada e inteligente da Democracia.

Escrevo ao meu amigo porque não conheço ninguém mais competente para se pronunciar sôbre o meu plano, que poderá não ser realizável, mas que creio ser utilíssimo e necessário. Peço-lhe uma resposta tão rápida quanto possível, e se quiser aproveitar a minha idéia, diga quando e onde nos poderemos encontrar.

Seu am.º e ad.º M. Ob.º

RAÚL PROENÇA

Biblioteca Nacional

ou s/c. na R. João Crisóstomo, I. A. E., 1.º

Esta carta foi escrita seis anos antes da fundação da *Seara Nova*.

O grupo de que saíu a direcção da Revista começou as suas reuniões cêrca de um ano antes da publicação do primeiro número, isto é, em 1919 ou 20, e dêle fizeram parte desde individualidades conservadoras até elementos operários, jornalistas, pro-

fessores, escritores, advogados, funcionários, médicos, procurando elaborar um programa de realizações políticas e sociais, que para uns fôsse o máximo e para outros o mínimo. Durante as primeiras sessões, deu-se logo a eliminação, quasi insensível, de certos elementos sem afinidades espirituais.

Ainda assim, os primeiros números da *Seara* indicavam uma grande lista de directores. Em breve se reconheceu, porém, que o trabalho se concentrava em muito poucos. Homens de boa-vontade e preocupados com o bem-comum, afiguravam-se-lhes as tórres-de-marfim como cidadelas do egoísmo. Já no passado tinham intervindo, todos êles, pela imprensa, a conferência, o panfleto, nos problemas da governação e da praça pública, e iam continuar a campanha, num esforço muito mais coordenado. Confiavam sobretudo numa lenta obra de educação colectiva.

Sem se confinar numa tarefa puramente intelectual, sem cercear a sua independência nos corrilhos partidários, êsse núcleo de interventores foi saudado, desde o início, com respeito, pelos adversários, e com viva simpatia pelos correligionários, estudantes, democratas, republicanos independentes, operários, *homens bons* de tôdas as classes. Desde logo surgiram também as acusações: para uns eram inoperantes e puros doutrinários; para outros, intelectuais inglòriamente diminuídos na arena dos interêsses políticos. . .

A ditadura russa durava havia quatro anos. Ia surgir a de Mussolini. Começava a aparecer o

nome de Hitler. Em Portugal, os próprios partidos entregavam, por semanas, o poder, ao coronel Baptista. Gomes da Costa, Filomeno da Câmara, Quirino de Jesus, o comandante Ferreira do Amaral, aproximam-se momentâneamente da *Seara*, assistindo à elaboração do programa de salvação pública inserto no n.º 12 da Revista. Aproximações efémeras. A força dêste grupo resultou sempre de subordinar, aos valores eternos da liberdade e da moral, todos os problemas, desde os grandes casos de consciência individual ou colectiva, aos mais ténues incidentes da vida social. De aí, no nosso meio, a deplorável indiferença do maior número, a solidariedade constante dos idealistas, a colaboração episódica provocada apenas pela coincidência da comunhão na adversidade. Raros ambiciosos se teem iludido, para logo se afastarem, com a possibilidade de forragear no nosso campo. Na tósca tábua de pinho, nem ao menos se serve o prato bíblico das lentilhas. Resta-nos (é muito pouco e é tudo), na própria imposição do silêncio, sentir-se sem descontinuidade a presença de algumas consciências vigilantes.

A *Seara Nova* deveu, logo de comêço, a Raúl Proença, o melhor da sua obra. Foi o seu cérebro e a sua espinha dorsal. Quási de início se constituíra uma comissão política, Jaime Cortesão, Raúl Proença e quem está neste momento evocando, com a mais viva saúde, a sua grande figura de doutrinário. À-parte a diferença do valor mental do último para os dois primeiros, tínhamos

formado os espíritos nas mesmas idéias, nas mesmas aspirações, porventura nos mesmos erros. Qualquer acontecimento da vida interna ou internacional era encarado, verificávamo-lo com agradável surpresa, sempre pelos três sob o mesmo prisma, dêle deduzindo as mesmas conseqüências. Para homens da mesma idade e da mesma formação intelectual e moral, dentro duma geração revolucionária, cria-se uma fraternidade que se aperta em vínculos bem mais inquebrantáveis que os do sangue. São inevitáveis, porém, pequenos atritos, momentâneas susceptibilidades nos melhores da terrível *gens litteraria*. Mas, creiam-me, sem ser ao favor da sublimação que a morte traz às nossas recordações saúdosas — porque, durante a vida de Raúl Proença, sempre assim pensei — nunca senti nêle um resquício de vaidade, mas sim um elevado, sereno e justo orgulho da sua límpida consciência e da sua lucidíssima inteligência. Nunca intervinham, nas suas atitudes e acções, secretos impulsos dum ressentimento, dum preconceito, dum caso preconcebido. Insensivelmente, confiávamos a êle a formulação de princípios, a redacção de declarações ou votos, porque, entre todos e sem desdouro para ninguém, êle era o mais forte e límpido reflector das idéias e dos sentimentos que germinavam na geração moça que em nós confiava e nos seguia.

A *Seara Nova* apareceu no momento próprio para a concretização duma ideologia. Teve a sua hora de consagração e de triunfo, ainda que pura-

mente espiritual. Vou-lhes ler algumas páginas do primeiro número da *Seara*. São tôdas elas de Raúl Proença. Foram escritas para a sociedade que saíu da primeira grande-guerra nos tempos da ideologia wilsoniana e da Sociedade das Nações.

Haverá, para os ouvidos de hoje, para espíritos desiludidos e alquebrados pela renovação da tormenta numa escala maior, para o real ou suposto descrédito dos formulários e das cartilhas doutrinárias, haverá, digo, em tais palavras, um som já hoje falseado por um quarto de século que vale séculos de remansosa evolução. Mas não se iludam demasiadamente, mesmo os mais clarividentes, por suporem que a sua hora, a hora da sua ideologia, vai ser a definitiva. Na evolução política, como na evolução literária e artística, quanto mais vertiginosa é a deslocação e a derrocada dos triunfadores da actualidade efémera, mais possível se torna o regresso cíclico do que foi derrubado e caíu, por algum tempo, no esquecimento.

¿ Que pretendia a *Seara Nova*? Ouçamos Proença :

... Pretende:

Renovar a mentalidade da *élite* portuguesa, tornando-a capaz dum verdadeiro movimento de salvação;

Criar uma opinião pública nacional que exija e apoie as reformas necessárias;